

APRESENTAÇÃO DO DOSSIÊ ASCENSÃO E QUEDA DO PARAÍSO TROPICAL

A imagem do Brasil como “paraíso tropical” tem uma longa história, como mostram os conhecidos estudos dos prestigiados intelectuais Gilberto Freyre e Sérgio Buarque de Holanda e, posteriormente, os trabalhos de Ronaldo Vainfas, de Ronald Raminelli e de Richard Parker, entre outros.¹ Desde os inícios da colonização, apontam esses autores, os europeus perceberam os povos nativos como indolentes e preguiçosos, desrespeitando suas tradições e negando violentamente seus modos de existência. Não foi muito diferente a imagem que construíram dos negros e das negras africanos, aqui trazidos pelo tráfico negroiro para substituir o trabalho indígena, segundo a triste e nefasta imaginação cristã dos colonizadores europeus.

Sensualidade, docilidade, preguiça e irracionalidade foram atributos construídos pelo racismo estrutural para nomear negros/as e indígenas, no Brasil, o que vem sendo fortemente denunciado em nossos dias, por vários autores e autoras, desdobrando críticas profundas trazidas por pioneiras como Lélia Gonzalez e Suely Carneiro. Nos anos de 1990, Richard Parker estranhava a maneira pela qual os brasileiros se percebiam e não apenas eram percebidos, a partir da imagem da sensualidade à flor da pele. Assim, o antropólogo estadunidense questionava a imagem de “povo sensual” com que se viam ou eram vistos os brasileiros, assim como o mito da “democracia racial”, que Thomas Skidmore denunciara, desde a década de 1960, seguido por muitos outros pesquisadores brasileiros e estrangeiros.²

Ainda assim, por muito tempo, o Brasil foi e talvez continue sendo visto como o país do carnaval, do samba, do corpo, da alegria, das “mulatas sensuais”, em contraste com a rígida moralidade europeia e com o puritanismo estadunidense, o que implica conjuntamente a noção de irracionalidade e de incapacidade política de autogerir-se. Estultos, os brasileiros não se vinculariam fortemente à tradição e deixar-se-iam levar

1 FREYRE, G. *Casa Grande e Senzala*. 2. ed. Rio de Janeiro: Schmidt Editor, 1936.; HOLANDA, S. B. de. *Raízes do Brasil*. 26. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1994.; VAINFAS, R. *Trópico dos pecados*. Rio de Janeiro: Campus, 1989; RAMINELLI, R. *Imagens da Colonização*. A representação do índio de Caminha a Vieira. Rio de Janeiro: Zahar, 1996; PARKER, R. *Corpos, Prazeres e Paixões*. Rio de Janeiro: Editora Best-Seller, 1993.

2 SKIDMORE, T. *Preto no Branco: Raça e Nacionalidade no Pensamento Brasileiro (1870-1930)*. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

pelo vento, ficando à mercê dos acontecimentos imediatos, sem conseguirem definir um projeto próprio de vida em sociedade e de política, entre outras dimensões existenciais. Em consequência, entende-se que os brasileiros precisam continuamente ser conduzidos, e conduzidos por mãos firmes e fortes. A justificativa para a ditadura civil-militar ganhou forma nesses termos, na década de 1960, causando imensos prejuízos e destruições coletivas, individuais, físicas, emocionais e psíquicas, como sabemos hoje por uma ampla literatura de denúncia e pelo intenso trabalho de ativistas, de ex-presos/as políticos/as, de parentes, filhos ou amigos, preocupados em documentar e dar visibilidade às inúmeras formas de violência cometidas no período ditatorial, chegando ao extermínio físico de muitos opositores políticos e à eliminação de seus rastros corporais.

Em nossos dias, o mito do Paraíso Tropical e todas as representações imaginárias que o envolvem desmoronam rapidamente, à medida em que se acentuam tendências políticas, sociais e culturais profundamente retrógradas, misóginas e perversas, arraigadas em nossa cultura desde sempre, e que se fizeram notar mais explicitamente ao longo do período autoritário e durante o momento conhecido como redemocratização.

Mais recentemente, a pandemia que assolou o mundo acelerou o processo de desagregação social no Brasil, resultante da trágica situação política em que vivemos, desde a ascensão de grupos neofascistas ao poder e da escalada neoliberal. Sofisticadas análises têm atentado para a expansão da racionalidade neoliberal por todo o social, o que Wendy Brown, inspirada na crítica ao neoliberalismo realizada por Michel Foucault, em *Nascimento da Biopolítica*, denomina de “economização do social”, ou extensão da lógica do mercado para se pensarem todas as dimensões da vida humana, inclusive nas relações afetivas e familiares.³

Sem dúvida alguma, já não temos como nos ver, nem sermos vistos, como o país paradisíaco e, muito pelo contrário, constatamos a violência crescente tanto nas formas de exploração do trabalho quanto no racismo e sexismo estruturais, que marcam fortemente as relações cotidianas, na opressão de gênero, na destruição das florestas e das matas, no genocídio que afeta as populações indígenas, negras, transexuais, pobres, periféricas e

3 BROWN, Wendy. *Undoing the Demos: neoliberalism's stealth revolution*. New York: Zone, 2015; FOUCAULT, Michel. *Nascimento da Biopolítica*. Curso dado no Collège de France (1978-1979). Tradução de Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

na perseguição homofóbica às “minorias”, em todo o país.

Assim sendo, tendo em vista discutir e historicizar a ascensão e a queda do mito do “paraíso tropical” atribuído ao Brasil, construído e refinado ao longo de séculos, realizamos o seminário “Ascensão e Queda do Paraíso Tropical”, no SESC – Centro de Pesquisa e Formação de São Paulo e na Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP, entre 20 de outubro e 12 de novembro de 2020. O evento reuniu intelectuais prestigiados de diversas universidades e áreas, entre historiadores, filósofos, sociólogos, psicanalistas, feministas, anarquistas, marxistas e pós-estruturalistas, que se destacam por suas instigantes e originais reflexões sobre o Brasil, ontem e hoje.

Apresentamos agora o resultado desse intenso trabalho de reflexão e discussão, publicando parte dos textos na **Revista História: Questões e Debates**, n. 69, vol. 2, da Universidade Federal do Paraná e da Associação Paranaense de História, e no livro a ser publicado em breve pela Editora Intermeios (SP). Iniciamos o dossiê da Revista com “*Orbis minima pars est Europa: Humanismo erasmiano, respublica christiana e as raízes não-europeias da Europa*”, em que o historiador Rui Luis Rodrigues revisita alguns textos de Erasmo de Roterdã, buscando compreender sua concepção de Europa, que, segundo ele, se formara a partir de múltiplas fontes, como “a Palestina dos evangelhos, a Síria helenizada de Luciano de Samósata ou a África de Agostinho e Orígenes”.

Em “Fora do Paraíso”, Jorge Coli analisa a produção de artistas que participam da construção do imaginário social do Brasil como “paraíso tropical” e, ao mesmo tempo, nos mostra que, se a grande maioria de artistas excluiu os negros em seus trabalhos artísticos, outros, como Nicolas-Antoine Taunay e Jean-Baptiste Debret, retrataram uma realidade cotidiana que nos permite conhecer de maneira mais precisa os povos nativos e seus costumes, no país.

Já os trabalhos de Edson Passetti e Gustavo Simões e de André Duarte e Maria Rita de Assis César apontam para a crítica desse imaginário, seja por anarquistas, no caso de “Solo do Paraíso”, seja pelo Tropicalismo, no segundo texto, intitulado “Corpos, gêneros e sexualidades em disputa no Brasil contemporâneo: Bolsonarismo versus Tropicalismo”. Destacam o movimento estético-político que, cinquenta anos atrás, vislumbrava outros modos de interpretar o corpo, a sexualidade e o gênero, subvertendo as concepções retrógradas, misóginas e racistas dominantes. O que parecia página virada, no entanto, mostram os autores, vêm à tona, no presente, com as forças represadas dos grupos de direita e de extrema-direita na

forma do bolsonarismo, que certamente se refere muito mais do que à política institucional. Nessa direção, destaca-se, ainda, o texto de Marilea de Almeida, “Racismo acadêmico e seus afetos”, em que evidencia, a partir de uma triste experiência pessoal, a violência dos ataques racistas mesmo em meios universitários de esquerda.

Finalmente, Pedro Paulo Funari e Andrés Zarankin, em “Ditadura, Direitos Humanos e Arqueologia”, nos mostram a importância política da Arqueologia da Repressão e da Resistência na América Latina, que, com suas escavações, testemunha praticamente a tortura e a eliminação dos corpos de opositores políticos, em momentos como a ditadura civil-militar de 1964-1985, no Brasil, para além de outras formas do exercício do controle autoritário dos corpos.

Encerramos este dossiê com o artigo “Condomínio fechado: paraíso cínico”, de Tony Renato Hara e Gabriel José Pochapski, em que analisam a formação histórica do espaço do condomínio, tão conhecido na atualidade, que se pauta pela ideia do paraíso, mas que se transmuta na produção de subjetividades muito avessas à ética e à verdade, ao contrário do que pregavam os cínicos na Antiguidade.

Esperamos, com essas publicações, contribuir para que a crítica desse imaginário cultural tão nocivo e estigmatizador possa abrir espaço para a emergência de outros modos de pensar, inclusive dos que já existem em nosso repertório político, assim como para a invenção de outras contracondutas e para a criação de formas de existência mais horizontalizadas, libertárias, filóginas e solidárias. Fazendo coro às palavras do cineasta Karim Aïnouz, em entrevista realizada pelo Instituto Moreira Sales, em 2020:

“Acredito que essa pandemia deveria também anunciar o fim daquele mundo, não dá para ‘voltar ao normal’ porque o que vivíamos não era normal. É isso que desejo, que a ruína seja a ruína do sistema que vivemos hoje e que o futuro aponte para a superação do que está dado.”

Margareth Rago e Mauricio Pelegrini
(Departamento de História - IFCH - UNICAMP)

Esta edição da **História Questões & Debates** ainda conta com as contribuições de três artigos, que compõem a sessão livre da Revista. Em “Desertificação em Gilbués - Piauí sob a ótica da História Ambiental”, Dalton Melo Macambira e Jaíra Maria Alcobaca Gomes estudam a história da desertificação em Gilbués, localizado no sudoeste piauiense, a partir da teoria e da metodologia da história ambiental. Já Bernardo Borges Buarque de Hollanda, em “Aquém e além de O negro no futebol brasileiro: Uma releitura da obra do jornalista esportivo Mário Filho entre os anos 1940 e 1960”, propõe uma nova leitura do livro principal do jornalista esportivo Mário Filho, *O negro no futebol brasileiro*, de 1947. O último artigo, “Representações do desenvolvimento nas páginas da Série Realidade Brasileira: fascículos sobre a Amazônia”, é escrito por Eduardo de Melo Salgueiro e tem como proposta principal analisar reportagens de suplementos especiais lançados pela *Folha de S. Paulo* em 1967 e 1968 sobre a Amazônia e as representações criadas sobre o “ideal de desenvolvimento e progresso” para a região.

Além disso, também serão publicadas três resenhas. Micael Alvino da Silva destaca, em “A usina de Itaipu e o Brasil rural”, o livro *Before the Flood*, do historiador Jacob Blanc e publicado em 2019. Em “Um Raio-X da elite charqueadora pelotense do século XIX”, Daniel de Souza Lemos ressalta a obra de 2016 *Os Barões do Charque e suas fortunas*, do historiador Jonas Vargas. Para finalizar, a resenha “Margareth Rago e ‘As Marcas da Pantera’: Por uma história filógina e libertária”, de Paloma Czapla aborda o livro de Margareth Rago, *As marcas da pantera: percursos de uma historiadora*, lançado em 2021. Agradecemos a contribuição das autoras e dos autores e desejamos a todas/os uma excelente leitura!

Priscila Piazzentini Vieira (Editora da Revista)